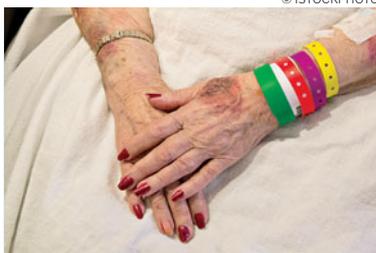


Recortes de Imprensa

Outubro 2019



Apoio:

DIA INTERNACIONAL DA PESSOA IDOSA

© ISTOCKPHOTO

Perceção do problema é baixa

APAV apoia 18 pessoas idosas por semana vítimas de violência

● A APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima assinalou ontem o Dia Internacional da Pessoa Idosa, lamentando que o reconhecimento da vitimação destas seja “lento”. Só em 2018, a APAV apoiou 926 pessoas

idosas vítimas de crime e de violência, o que equivale a uma média de 18 pessoas apoiadas por semana. No entanto, estes números “não refletem a realidade diária das vítimas, ainda mais trágica e silenciosa”.



Duas mulheres mortas num dia. Já são 29 as vítimas de violência doméstica

Duas mortes em menos de 24 horas; três vítimas mortais em duas semanas. Desde Janeiro, 23 mulheres e seis homens morreram às mãos dos companheiros. Em 2018, totalizaram-se 39 homicídios neste contexto

Crime
Claudia Carvalho Silva

Dois homicídios de mulheres em menos de 24 horas: uma mulher de 30 anos foi encontrada morta numa mala de viagem na quarta-feira – o companheiro, suspeito do crime, foi detido – e uma mulher de 92 anos foi morta na manhã de ontem, com dois tiros disparados pelo marido de 89 anos.

A confirmar-se de que se trata de homicídios em contexto de violência doméstica, sobe para 29 o número de vítimas só neste ano – 23 são do sexo feminino e seis do sexo masculino. No ano passado, o Governo registou 39 destes homicídios. Não há ainda números oficiais quanto às mortes registadas este ano em contexto de violência doméstica; estes números resultam das contas feitas pelo PÚBLICO com base nas notícias publicadas desde o início do ano.

No primeiro caso, a investigação apurou que o homem foi “possivelmente motivado por questões de natureza passional” e, na manhã de quarta-feira, “atingiu a vítima com um golpe letal de arma branca, desferido num quarto que ambos haviam arrendado”. O cadáver da vítima acabaria por ser encontrado de tarde, junto à urbanização Fonte do Ouro, na vila de Arruda dos Vinhos, dentro de uma mala de viagem. Tinha várias faixas de fita adesiva, o que despertou a atenção dos moradores, que alertaram as autoridades.

Segundo o presidente da Câmara de Arruda dos Vinhos, André Santos Rijo, tratava-se de “um casal jovem de cidadãos brasileiros recém-chegados, que morava em Arruda há cerca de 15 dias”, disse numa publicação feita no Facebook. “Ela era trabalhadora da restauração, ele trabalhador da construção civil e os vizinhos ainda não tinham notado sinal de violência ou agressividade entre ambos. Não havia sinalização por parte de qualquer autoridade, afinal eram também recém-chegados”, escreveu. O suspeito foi detido pela Polícia Judiciária, “escondido num espaço com vegetação densa nas proximidades”, e será presente a interrogatório judicial.



Os números de mortos relativos a este ano resultam das contas feitas pelo PÚBLICO

Homicídios em Portugal Em 2018



Fonte: Relat. Anual de Seg. Interna 2018 PÚBLICO

Já o segundo caso aconteceu em Paços de Ferreira, quando um homem de 89 anos atingiu a companheira de 92 anos com dois tiros na cabeça, às 7h20 de ontem, na residência do casal. Encontra-se detido.

Em duas semanas, foram três homicídios. A 18 de Setembro, Gabriela Monteiro foi degolada em Braga pelo homem com quem se casara e de quem já se tinha separado. O homem acabou por se entregar numa esquadra da PSP dizendo que tinha ferido “a companheira com uma arma branca”. Gabriela tinha dois filhos de uma relação anterior; o suspeito também tem um filho de outra relação.

A 19 de Setembro, a Procuradoria-Geral da República (PGR) esclarecia que “o coordenador do grupo de trabalho para a definição de uma estratégia contra a violência doméstica tem efectuado uma monitorização permanente dos homicídios em contexto de violência doméstica”. Dizia-se então que havia “indícios seguros de morte ocorrida em contexto de violência doméstica” de 21

pessoas do sexo feminino (incluindo uma criança) e seis homens.

“Existem outros casos, designadamente com vítimas mulheres, que ainda não é possível assegurar com a necessária segurança que ocorram em contexto de violência doméstica, aguarda-se que as investigações esclareçam os exactos contornos”, referia ainda o gabinete de imprensa do Ministério Público. O PÚBLICO contactou ontem a PGR para saber se houve actualizações destes dados, mas não obteve resposta.

Vítimas mulheres são 61%

O Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) de 2018 dava conta de que tinha havido nesse ano um total de 110 homicídios voluntários, 39 deles em contexto de violência doméstica – o mesmo que está relatado no relatório anual de 2018 da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) relativo a homicídios consumados. Nos 110 homicídios, 61% das vítimas eram mulheres.

O número de queixas apresenta-

das nos postos da GNR e nas esquadras da PSP continua elevado. Segundo o Relatório Anual de Monitorização de 2018, as forças de segurança registaram nesse ano 26.432 participações de violência doméstica. Lisboa (5981), Porto (4614), Setúbal (2458), Aveiro (1804) e Braga (1801) foram os distritos com mais queixas.

Só 31 casas-abrigo cedidas

Em Março, uma resolução do Conselho de Ministros criava a comissão técnica multidisciplinar para a “melhoria da prevenção e combate à violência doméstica”. Três meses depois, o relatório final dessa comissão técnica sugeria que houvesse uma melhoria da protecção das vítimas de violência doméstica nas 72 horas após uma denúncia e que era imperativo haver uma acção “intensiva e célere”.

O relatório propunha ainda “a criação de uma rede de urgência de intervenção, que possa ser accionada 24 horas por dia, envolvendo autoridades judiciais, órgãos de polícia criminal e estruturas de apoio à vítima”.

Em Julho, o PÚBLICO noticiava que só 152 câmaras (são 308 no total) integravam a rede solidária de municípios criada em 2012 com o objectivo de incentivar a autonomização das vítimas de violência doméstica através da disponibilização de habitações ou de apoio ao arrendamento.

A iniciativa, que faz parte da estratégia de cooperação entre a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) e a Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP), tem como objectivo responder à necessidade anual de 250 casas para vítimas deste crime. No ano passado, só foram cedidas 31 habitações.

Questionados pela CIG através de um inquérito *online* sobre a não adesão ao protocolo, metade das autarquias admitiu não conhecer o programa e reconheceu que não tem habitação para este fim. Já 13% não o consideravam prioritário.

claudia.silva@publico.pt



Maria pedia à família para não contar o que sofria às mãos de José Augusto



Corpo de Maria Assunção, retirado da casa pelos bombeiros, vai ser autopsiado

Queixas por violência não evitam morte de Maria aos 93 anos

Assassinada com dois tiros pelo marido em Paços de Ferreira, após anos de violência doméstica e uma ida ao hospital por causa de agressões. Sobrinha revoltada

TESTEMUNHOS



Arminda Pacheco
Sobrinha e testemunha

"Tenho tanta pena dela. Sofreu tanto dentro daquelas quatro paredes..."



Palmira Pacheco
Sobrinha

"Estou em choque. Sabíamos que tinham problemas, mas a minha tia não merecia um fim assim"

Mónica Ferreira
justica@jn.pt

VIOLÊNCIA Maria Assunção Alves, de 93 anos, foi assassinada com dois tiros pelo marido, José Augusto Alves, de 89 anos, após anos de violência doméstica e porque achava que ela "tinha amantes". Nem duas queixas ao Ministério Público (MP), nem o acompanhamento por parte da ação social da autarquia evitaram o crime, consumado ontem de manhã, na casa onde ambos viviam, em Raimonda, Paços de Ferreira.

Foi o próprio homicida quem deu o alerta para o crime que acabara de cometer, no interior do apartamento no qual vivia com a mulher, desde que há anos tinham saído da Guarda e após uma vida de emigrantes. "Ligou-me às sete e meia da manhã a pedir para vir cá, a casa, porque tinha acontecido uma tragédia", contou ao JN Arminda Pacheco, sobrinha do casal.

Quando chegou à residência do casal, a mulher foi recebida pelo tio. "Ele abriu-me a porta e disse:

"Vou passar os últimos dias na cadeia, matei a tia com dois tiros". Arminda Pacheco encontrou Maria Assunção morta, coberta de sangue, caída no chão da cozinha. "Perguntei-lhe o que tinha acontecido. Ele disse-me que discutiram porque ela tinha amantes", acrescentou.

Arminda Pacheco sabia que a tia era vítima da violência do marido. "Mas não podíamos dizer nada, porque quando ele lhe batia, ela pedia para não contarmos nada a ninguém, porque tinha medo dele. Ela dizia que tinha um monstro dentro de casa, mas à minha beira, ele não era assim. Nunca a tratou mal", acrescentou a mulher, ainda em choque, incrédula com o trágico fim da tia, a quem ajudava a cuidar e que a via como a filha que o casal nunca teve.

Quando as autoridades chegaram, José Augusto confessou. Além de responder por um crime de homicídio, a arma de calibre 6,35 milímetros que usou para matar a mulher era ilegal.

Maria Assunção sempre se silen-

INVESTIGAÇÃO

PJ recolheu provas no local do crime

Depois do crime, José Augusto Alves foi levado pela GNR para o posto de Freymunde e, posteriormente, transferido para as instalações da Polícia Judiciária do Porto, que esteve na casa do casal a realizar perícias durante toda a manhã de ontem. Vai ser agora levado perante um juiz para aplicação de medidas de coação.

BALANÇO TRÁGICO



mulheres foram assassinadas em contexto de violência doméstica desde o início deste ano.

ciou perante os maus-tratos que sofria. Em maio deste ano, chegou mesmo a dar entrada no hospital, depois de ter sido agredida com um banco. Na altura, confessou à médica que tinha sido agredida pelo marido, mas depois acabou por desmentir a agressão a um agente que a confrontou, alertado por outra sobrinha, Rosa Araújo, que chegou a pedido proteção para a idosa.

"Estou revoltada, porque quando a minha tia esteve no hospital, pedi à médica para me entregar a minha tia, porque a queria levar para minha casa quando tivesse alta, mas ela mandou a vítima para a beira do agressor", explicou ao JN Rosa Araújo.

Face aos acontecimentos, Rosa Araújo comunicou o caso ao Gabinete da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) da autarquia pacense, que sinalizou o caso. Apesar de Maria Ascensão Alves nunca ter assumido as agressões por parte do marido, os serviços sociais da autarquia apresentaram duas denúncias ao MP, que em nada resultaram. ●



CRIMES DE VIOLÊNCIA CONTRA IDOSOS “NÃO PODEM SER REMETIDOS AO SILÊNCIO”

A APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima defende um combate eficaz da violência contra as pessoas idosas.

O Dia Internacional da Pessoa Idosa foi também assinalado pela UMAR/Madeira. Assunção Bacanhim apontou que na Região há registo de mais de mil pessoas idosas com mais de 85 anos a viverem sozinhas. E realçou haver muitas carências que prevalecem com a existência de Pessoas Institucionalizadas e outras dependentes a viver em casa em precárias condições.



dentro das suas capacidades, mas não tem sido o suficiente. É preciso outras ajudas, de ações e medidas concretas por parte de outras entidades competentes nesta matéria.

A APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima associa-se, uma vez mais, à iniciativa anual do Dia Internacional da Pessoa Idosa. Este dia foi instituído em 1991 pela Organização das Nações Unidas (ONU) e tem como objetivo sensibilizar a sociedade para as questões do envelhecimento e para a necessidade de promover os direitos humanos da população mais idosa.

O envelhecimento populacional e alguns fenómenos associados, incluindo a violência contra as pessoas idosas, constituem dos maiores desafios do século XXI. A Associação aponta que “o

reconhecimento da vitimação das pessoas idosas tem sido lento, mas é hoje cada vez mais evidente. A violência contra as pessoas idosas constitui um problema social, de segurança, de saúde pública e de justiça e o seu combate eficaz pode contribuir para um futuro mais inclusivo, onde todos sejam respeitados ao longo do ciclo de vida, nomeadamente no contexto de um envelhecimento ativo e saudável”.

A APAV apoia pessoas idosas vítimas de crime, as suas famílias e amigos/as, prestando-lhes apoio jurídico, psicológico e social em colaboração com outras instituições públicas e privadas. “Contamos também com todos e todas, com vizinhos e vizinhas, com os conhecidos e as conhecidas das vítimas: o seu papel é muito importante na

prevenção e na denúncia das situações de violência”. Só em 2018, a APAV apoiou 926 pessoas idosas vítimas de crime e de violência, o que equivale a uma média de 18 pessoas apoiadas por semana.

“Estes números, bem como os registados pelas estatísticas oficiais da Justiça, não refletem, contudo, a realidade diária das vítimas, ainda mais trágica e silenciosa. Apesar da maior consciencialização da população, verifica-se ainda uma perceção pouco generalizada do problema”.

Neste dia, a APAV destaca o projeto Portugal Mais Velho, que tem vindo a desenvolver em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian. O projeto Portugal Mais Velho procura refletir sobre o fenómeno da violência contra as pessoas idosas, bem como sensibilizar a população para este

tipo de violência. O projeto conta com a participação de profissionais de várias áreas que têm vindo a discutir formas de combater a violência contra as pessoas idosas.

“Os crimes de violência contra a população idosa não podem ser remetidos ao silêncio. Calar, fechar os olhos, é ser cúmplice deste crime”.

A APAV está disponível para ajudar através de diferentes serviços, nomeadamente através da Linha de Apoio à Vítima (116 006 - chamada gratuita, dias úteis, das 9h-21h), o número de apoio confidencial e gratuito da APAV.

“Muitas Pessoas Idosas são tratadas como sendo um peso cada vez maior”

O Secretariado da UMAR/Madeira assinalou também

SARA SILVINO

ssilvino@tribunadamadeira.pt

O Dia Internacional da Pessoa Idosa foi assinalado no passado dia 1 de outubro. A data foi aproveitada para reforçar a necessidade de um plano de combate mais eficaz da violência contra as pessoas idosas. Os números atuais mostram que há ainda muito por fazer. As associações tentam encontrar soluções, dando todo o apoio possível



ID: 82808257

04-10-2019

esta data, com uma conferência de imprensa, que contou com a presença de Guida Vieira e Assunção Bacanhim, alusiva ao Dia Internacional da Pessoa Idosa.

Segundo Assunção Bacanhim (porta-voz nesta conferência), “este dia existe para chamar a atenção e sensibilizar a sociedade para as questões que preocupam as pessoas mais velhas, e da necessidade que existe na sua proteção a todos os níveis. Respeitar as Pessoas mais velhas com mais carinho quer da sociedade quer da família é uma necessidade do envelhecimento a que se assiste cada vez mais na nossa sociedade. Quanto melhor tratarmos as pessoas idosas, estaremos a garantir um futuro coletivo mais digno, pois toda a gente se quer viver um dia será também velho e quer ser reconhecido com dignidade e com direitos”.

Disse ainda: “Dizem-nos que quanto maior é a idade, maior é a sabedoria, paciência e amor. Mas depois o que se assiste é a sociedade no geral contradizer estas questões com frieza, infantilização e muito desamor. Sabemos que existem exceções e felizmente com muito sucesso, onde toda a família se entre ajuda e as pessoas idosas se sentem completamente integradas e até donas dos seus destinos. Mas também sabemos que muitas Pessoas Ido-

sas são tratadas como sendo um peso cada vez maior e, em vez de se aproveitar a sua sabedoria para aprender, as afastamos da família, mesmo sendo pessoas com alguma autonomia, condenando-as muitas das vezes a ficarem acamadas ou em cadeiras de roda, tristes, sem poderem manifestar os seus sentimentos, encurtando-lhes o tempo e a qualidade de vida”.

Foi focado também, de acordo com dados da EUROSTAT, que Portugal será um dos Países da União Europeia com maior percentagem de Pessoas Idosas em 2025, e menor percentagem de população ativa. O INE prevê que 2050 um terço da população portuguesa seja idosa e que um quarto de milhão tenha mais de 80 anos. Este cálculo foi feito com base na tendência de envelhecimento da população resultante do aumento da esperança de vida e da diminuição dos níveis de natalidade.

Quanto a números no que se refere à Região, Assunção Bacanhim apontou: “Na Madeira, temos alguns dados disponíveis que nos dizem que já temos mais de mil Pessoas Idosas com mais de 85 anos a viverem sozinhas, cuja maioria são mulheres. Existem na Madeira, nos dados de 2017, 118 Pessoas Idosas por cada 100 jovens, o que quer dizer que já começa a existir um défice mu-

to claro de envelhecimento da sociedade, o que é muito preocupante”. Continuando: “Sabemos também das muitas carências que prevalecem com a existência de Pessoas Institucionalizadas e outras dependentes a viver em casa em precárias condições. Temos Pessoas em casa, também Idosas, a cuidarem de outras mais dependentes. Esta é uma situação que carece de intervenção urgente”. Acrescentou: “É fundamental separar claramente as situações e satisfazer as necessidades básicas das pessoas. Os lares deviam ser apenas para as pessoas dependentes e que precisam de cuidados especiais. Aumentar a ajuda às pessoas que conseguem ficar nas suas casas e que deviam ser ainda mais acompanhadas, sobretudo durante a noite, e aos fins de semana, para não termos notícias, quase diárias, que nos dizem que uma Pessoa Idosa foi encontrada morta dentro de casa pelos vizinhos. Defendemos também a existência de outro conceito de casas de apoio como Comunidades Inclusivas, para as Pessoas que não conseguem viver sozinhas, ou por razões de deficiências várias, ou outras, mas que ainda têm autonomia para partilharem experiências e fazer várias tarefas úteis para si e para a comunidade onde estão integradas. Defendemos, também, a gratuidade dos transportes públicos para todas as Pessoas idosas, sem qualquer exceção, porque os contributos que estas pessoas deram à sociedade merecem ser reconhecidas pelo Estado/Governos, a exemplo do que já acontece em muitos países do mundo, como no Brasil”. Sublinhou: “Consideramos que a nossa Região devia ter mais espaços inclusivos onde as Pessoas Idosas se possam sentir bem. Dar mais qualidade aos espaços naturais nas cidades onde as Pessoas se juntam, quer faça sol ou chuva, cobrindo-os e criando melhores condições para esse convívio”.

E concluiu realçando: “Sabemos que já existem algumas políticas positivas para o envelhecimento ativo, quer a nível Regional, quer a nível Municipal, que achamos muito importantes e muito válidas, mas algumas das questões que aqui colocamos gostaríamos que fossem tidas em conta por todos estes poderes, para dignificar ainda mais a vida das Pessoa Idosas fazendo com que a sua existência seja encarda com uma mais valia para toda a sociedade. ■

POR SEMANA A APAV APOIA 18 PESSOAS IDOSAS VÍTIMAS DE CRIME OU DE VIOLÊNCIA.

CALAR É SER CÚMPLICE.

Se é familiar, vizinho ou se costuma estar em contacto com pessoas idosas, esteja atento. Desmazelos súbitos, tristeza ou outros comportamentos estranhos não podem ser ignorados.

A violência contra pessoas idosas manifesta-se de muitas formas. Algumas quase invisíveis. Não desvalorize. Ligue.

116 006 APAV Apoio à Vida



Ação de Formação sobre apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual

Decorreu em Mortágua uma ação de formação sobre apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual. A iniciativa, promovida pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens do Concelho de Mortágua (CPCJ) e dinamizada pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), teve a duração total de 21 horas e contou com a presença de 23 técnicos/profissionais inscritos, ligados às áreas Social, Saúde, Educação, designadamente Assistentes Sociais, Psicólogas, Enfermeiras, Educadoras, Professores, Terapeutas da Fala, Sociólogos. Alguns dos participantes representam, simultaneamente, as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens de municípios da região.

A estrutura programática do curso abordou assuntos como a tipificação dos crimes de violência sexual e o seu enquadramento jurídico-penal, os sinais de alerta, a contextualização do fenómeno, as formas de atuação em caso de suspeita, o papel da APAV na representação dos interesses jurídicos dos menores, o atendimento e apoio às vítimas, entre outros. Como objetivo final da formação, pretende-se que os formandos estejam habilitados a atender, de forma correta, crianças e jovens vítimas de violência sexual, bem como familiares e amigos, respeitando os procedimentos e normas da rede CARE/APAV.

O presidente da Câmara Municipal, Júlio Norte, que é também presidente da CPCJ de Mortágua, marcou presença no início do curso e deu as boas vindas a todos os profissionais inscritos, desejando que esta ação fosse uma boa jornada de trabalho. Júlio Norte sublinhou a importância destas ações para a partilha de informação e experiências, no sentido de detetar e sobretudo prevenir situações de violência sexual sobre crianças e jovens.

"A mensagem é clara, temos de estar todos atentos e alertar sempre que houver conhecimento de uma situação de violência sexual sobre menores. A palavra-chave é mesmo a prevenção, é chegar antes que o problema aconteça".

Segundo disse Júlio Norte, "o silêncio ou a indiferença da sociedade, dos vizinhos, dos conhecidos, não podem ser aqui tolerados".

E vinco: "Este tipo de crimes deixam profundas marcas, físicas e sobretudo psicológicas, nas vítimas, que podem afetar uma vida inteira". Referiu ainda que, ao contrário do que acontecia no passado, "este tema já não é tabu, é falado e mediatizado", o que contribui para que as pessoas estejam hoje mais atentas, conscientes e interventivas na denúncia de qualquer situação.

Tânia Cruz, formadora e técnica da APAV, referiu que este tipo de violência sexual é mais comum acontecer no meio intrafamiliar, o que torna mais difícil a



denúncia, porquanto a vítima sente-se constrangida, e muitas vezes até é ameaçada. "Todos nós temos a obrigação moral e legal de denunciar. É um crime que extravasa as paredes das casas, das famílias, diz respeito à sociedade, a cada um de nós", afirmou.

Segundo esta Técnica, as pessoas estão hoje mais sensíveis e atentas a este tema, e já começam a perceber que a violência sexual sobre crianças e jovens tem várias "nuances", e que determinados atos, nomeadamente toques e carícias praticados de forma maliciosa e inapropriada, visando as partes íntimas, podem configurar um crime de abuso sexual, e que é fundamental ensinar as crianças a estabelecer limites.

"É importante explicar às crianças as diferenças entre um toque normal e um toque abusivo, que não são obrigadas a ver determinados conteúdos ou a aceitar determinados comportamentos que afetam a sua integridade física e psíquica, a sua

saúde, a sua liberdade, mesmo que sejam praticados ou incentivados por um familiar", referiu.

O Código Penal Português distingue os crimes de natureza sexual em dois grupos: os crimes contra a liberdade sexual (Art.º 163.º a 170.º do Código Penal), que penalizam todas as atividades sexuais cometidas sem o consentimento da vítima, independentemente da idade; e os crimes contra a autodeterminação sexual (Art.º 171.º a 176.º-A do Código Penal), que penalizam atividades sexuais com menores até 18 anos, e cuja existência está diretamente ligada à necessidade de proteger o livre desenvolvimento da personalidade da criança ou jovem no domínio sexual.

Os crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual de menores são de natureza pública, ou seja, podem e devem ser denunciados por qualquer pessoa que deles tenha conhecimento.





ID: 82842167

07-10-2019

Denúncias de violência de filhos contra pais sobem nos Açores

Em 2018 foram desencadeados 38 processos pela APAV quando em 2017 esse número foi de 34. Este ano promete haver ainda mais casos. Violência filiofamiliar pode implicar maus tratos físicos, psicológicos e violência financeira contra idosos

ARQUIVO AO/EDUARDO RESENDES



APAV Açores acredita que os números deste ano já estarão próximos dos de 2018

PAULO FAUSTINO
pfaustino@acorianooriental.pt

A representação da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nos Açores está a receber um maior número de pedidos de apoio por parte de pessoas com mais de 65 anos, cujos agressores são os próprios filhos.

Em causa está o fenómeno conhecido como violência filiofamiliar, ou seja, a violência exercida pelos filhos contra os

seus progenitores, podendo implicar várias formas de maus tratos, desde os físicos aos psicológicos, mas também a violência financeira.

Se em 2017 foram desencadeados 34 processos de apoio pela APAV Açores, em 2018 esse número passou para 38, sendo que a associação acredita que os valores de 2019 (até ao momento) já estarão próximos dos do ano passado.

São casos em que os idosos

nem sempre reconhecem estar a ser vítimas de crime - até porque normalmente as denúncias são feitas por familiares ou vizinhos - e, no entanto, já o são há algum tempo. Sobretudo por estarem a lidar com filhos com problemas de droga ou álcool, sem ocupação profissional, que voltam para a casa dos progenitores, onde, por vezes, da mesma forma que assumem o papel de seus cuidadores, tentam também apro-

priar-se dos seus recursos, retirando-lhes, assim, autonomia financeira.

“Infelizmente, os cidadãos associam e conseguem mais facilmente reconhecer que são vítimas de crime quando estamos a falar de maus tratos físicos. No entanto, muitas das vezes estas vítimas já são vítimas a nível psicológico”, acentua a gestora da APAV Açores.

Por serem, por vezes, o único garante de subsistência nestas situações, os idosos é que acabam por suportar as despesas quotidianas relacionadas com a alimentação, gás, água e electricidade. Como se não bastasse, também são confrontados com a subtração ou pedidos de entrega de dinheiro para a satisfação de necessidades associadas a dependências. “Há uma taxa de esforço muito grande porque estes filhos, por vezes também, solicitam a estes pais quantias monetárias para poderem fazer face aos consumos, sejam eles de drogas, sejam relacionados com o álcool”, explica Sílvia Branco.

A APAV Açores alerta que os casos identificados como sendo de violência filiofamiliar estão a crescer nos Açores: “conforme vamos atendendo e procedendo ao apoio, é possível perceber que esta é uma tendência que se mantém. Estes

pedidos de ajuda continuam a existir e a aumentar”.

O Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada chama a atenção que os filhos quando, por contingências da sua vida, têm de voltar a viver com os pais e receber o seu apoio, sem todavia colaborar com eles na comparticipação das despesas domésticas, isso também é “violência”, ainda que exercida de forma “muito subtil”. Na verdade - sublinha Sílvia Branco -, “a vítima (...) após algum tempo começa a perceber que se calhar aqueles 10 ou 15 euros a mais em algumas despesas, a longo prazo fazem grande diferença”. Tanto mais que os idosos que recorrem aos serviços da APAV vivem com reformas de valor não muito significativo e têm gastos elevados com medicação.

Seja como for, as denúncias apresentadas acabam, na maioria das vezes, por não avançar na Justiça porque as vítimas não prestam declarações. “O maior receio é que um filho ou uma filha seja preso. Porque às vezes são estes filhos e filhas também os cuidadores das vítimas e há aqui um receio muito grande, não só de represálias, mas também do abandono, da solidão, porque as vítimas dizem: ‘ele ou ela nem sempre é assim, mas é quem eu tenho...’”.



APAV com polo de atendimento em Castro Marim

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) tem desde 27 de setembro, um polo de atendimento em Castro Marim.

O polo vai funcionar na sede da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CPCJ) todas as sextas-feiras, das 9h00 às 13h00.

A APAV apoia pessoas vítimas de crime, os seus familiares e amigos, de forma gratuita e confidencial, oferecendo um apoio prático, psicológico, jurídico e social, com técnicos especializados.

Esta medida de descentralização dos polos de atendimento da APAV surge no âmbito do Protocolo para a Territorialização da Rede Nacional de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica, assinado pelo município de Castro Marim em conjunto com outros municípios algarvios, pela CPCJ de Castro Marim, diferentes entidades institucionais nacionais e regionais e pela APAV.

A implementação deste protocolo pretende concertar uma ação multidisciplinar e intersectorial mais territorializada, assegurando uma maior eficácia na resposta de apoio e proteção das vítimas e promovendo ações de prevenção, proteção e combate e ações de formação sobre a violência contra as mulheres e a violência doméstica.

Violência doméstica em Portugal



Opinião de
Misleine Neris
Lic. em História
(Colaboradora)

Muito se ouve falar sobre esse tema, mas poucas pessoas sabem do que realmente se trata. Segundo a justiça portuguesa a violência doméstica é tudo o que se encaixa em atos de sofrimentos físicos, sexuais, económicos ou psicológicos. Eles acontecem normalmente com pessoas que moram sob o mesmo teto, sendo estas: parentes de qualquer grau, parceiros ou ex-parceiros íntimos.

Esse tema veio à tona oficialmente a partir da década de 1980, quando foram denunciados através dos pediatras os maus tratos às crianças e adolescentes. Por O.N.G's, foram também denunciadas as violências contra as mulheres sofrida pelos homens, e posteriormente por civis a crueldade contra os idosos.

A violência causada nas crianças e nos adolescentes ocorre não somente quando é cometida uma agressão física ou psicológica. Também é considerado agressão quando eles vivenciam momentos violentos entre seus familiares, sejam eles: pai, mãe, tios, entre outros. O maior índice de violência física e mental é na maior parte dos casos ocasionada pelo familiar tutor da criança, sendo a mãe a mais violenta.

A principal legitimação para esse tipo de violência em diversos ensembles está associada à crença religiosa e ao conceito de que a famosa "palmada educa" ou à "tradição" "eu apanhei e fui bem educado" levando à consideração de que o castigo também é uma maneira de corrigir os filhos. O que assusta nesses índices é que esses menores estão sujeitos a esses tipos de episódios quando os infratores estão sob o efeito de álcool ou outras substâncias tóxicas.

Já as violências padecidas pelos idosos demoraram muito mais para vir à tona em Portugal do que as outras, assim como as das crianças que também ocorrem no âmbito familiar e são difíceis de serem detetadas. Embora esses tipos de agressões sejam menos frequentes, em 2014 as pesquisas acusaram que quase metade das pessoas que agridem os idosos são os próprios cônjuges, indicando a percentagem de 49%. Os filhos homens 30% e as mulheres a somarem 8,9%. Outros parentes também participam desta estatística, os genros e as noras somam 3%, netos 2,3% e netas 0,2% e os demais familiares 5%.

Chega a ser triste ter acesso a esses números, pois sabemos que eles podem ser muito maiores, tendo em vista que diversos idosos não têm coragem ou condições para denunciar, devido à sua dependência mediante ao seu familiar, ou vice-versa. Normalmente o familiar que agride o idoso depende financeiramente dele ou da sua casa para morar.



Outro tipo de violência doméstica que tem chamado à atenção em Portugal é a VPI (violência entre parceiros íntimos). Esta acontece em relações heterossexuais e homossexuais, ou quando há algum tipo de intimidade entre os envolvidos.

Apesar dos dados alarmantes, ainda não é possível saber o número exato das pessoas vítimas desse tipo de abuso. Muitas pessoas ainda ignoram esse tipo de violência e as consequências que ela acarreta. O que se pode afirmar com precisão é que as mulheres estão mais sujeitas a sofrerem as agressões de seus parceiros, logo esse tipo de agressão chamou atenção para a disparidade da igualdade de género.

A Associação Portu-

guesa de Apoio à Vítima (APAV) afirmou em 2016 que mais de metade das vítimas de VPI são provocadas por ex-parceiros e parceiros das mulheres. Um estudo da Universidade do Minho comprovou que apenas 10% dos homens e 23% das mulheres agredidas denunciam os casos, e que pouquíssimas pessoas procuram a ajuda das associações ou da Polícia.

Os homens são os que menos denunciam a violência doméstica, por não acreditarem que as autoridades possam ser úteis. Já as mulheres acham que o descaço a estes casos são apavorantes e que não há punição alguma para o agressor. Algumas mulheres, por causa da crença e da religiosidade, acabam por perdoar seus parceiros e a reconciliar a relação, desencadeando assim um ciclo vicioso. Outras também temem as ameaças dos agressores e para defenderem seus filhos e outros membros da família, infelizmente, permanecem caladas.

É importante ressaltar que existe algo em comum entre os agressores, co-

mumente eles são pessoas que foram agredidas na infância ou cresceram em ambientes violentos. Uma criança que vivencia violência pode vir a ser um adulto violento. Ambientes agressivos estimulam pessoas a agressividades. Quando essas ocorrências acontecem é necessário procurar as autoridades do país imediatamente e reportar o ocorrido. Devemos confiar na polícia e nas associações para sanar os danos causados a essas pessoas que sofrem esse tipo de abuso. O agressor também precisa de tratamentos e punições se necessário. Entretanto, a melhor maneira de prevenção ainda é desde a infância. Lembre-se, é melhor prevenir do que remediar.





Alcoutim lidera grupo de municípios com serviços de apoio à vítima

O Município de Alcoutim assinou em conjunto com outros municípios algarvios, entidades nacionais e regionais de Cidadania e Igualdade, Segurança Social, Educação, Emprego e Formação Profissional, Proteção de Crianças, Forças de Segurança e a Associação

gação de material informativo, trabalhos e estudos de pesquisa e investigação científica e a implementação de serviços de atendimento às vítimas de violência doméstica, que são muitas vezes incompreendidas pelas próprias autoridades.

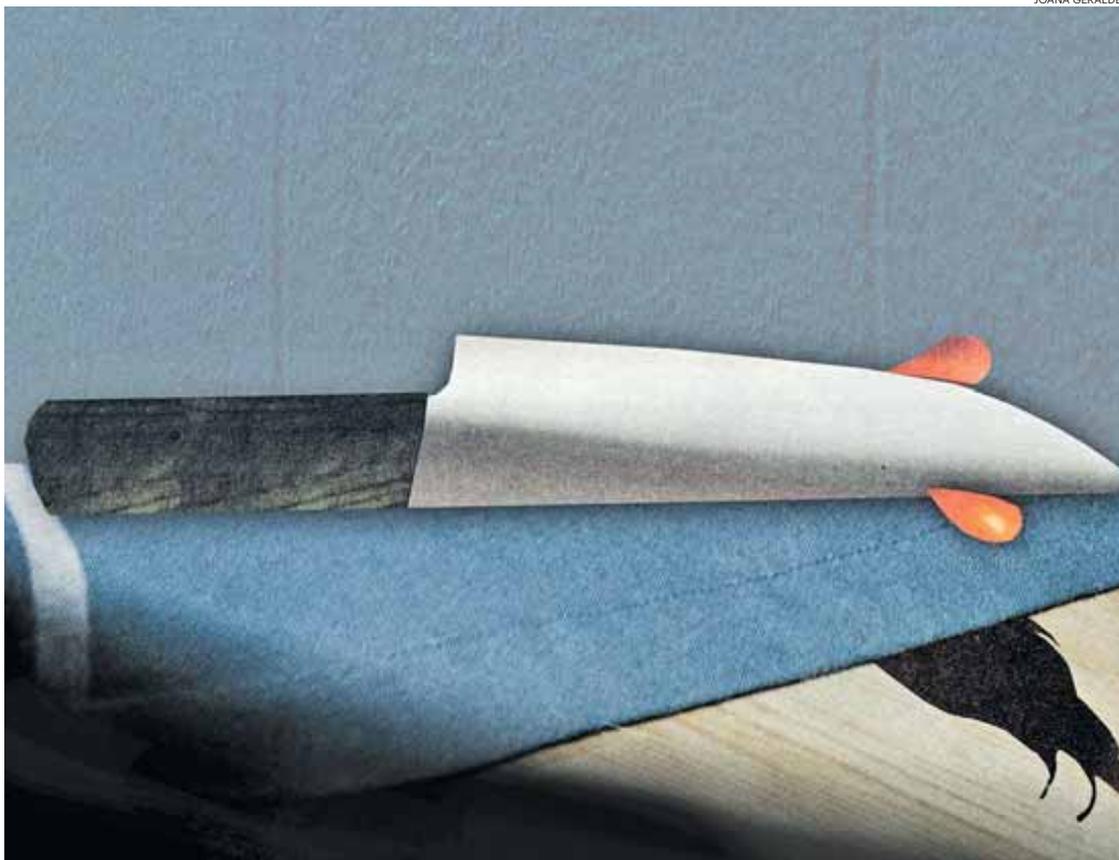


Portuguesa de Apoio à Vítima um Protocolo, no âmbito da prevenção e combate à violência contra as mulheres e à violência doméstica, eliminação de estereótipos e combate à discriminação, que visa a implementação, manutenção e melhoria das respostas de prevenção e proteção existentes nos concelhos algarvios neste domínio.

Este Protocolo prevê, diversas medidas e ações, entre as quais cursos de formação dirigidos a diferentes profissionais, ações de sensibilização, divul-

No que se refere especificamente ao serviço de atendimento, no Município de Alcoutim será assegurado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), no Gabinete de Ação Social, Saúde e Educação, às segundas-feiras entre as 10h e as 13h, a partir do próximo dia 14 de outubro.

Através deste Polo de Atendimento da APAV será disponibilizado apoio prático, psicológico, jurídico e social às vítimas de crime, suas famílias e amigos/as, de forma gratuita e confidencial.



Mulher assassinada tinha 44 anos e dois filhos. É a 30.^a vítima de violência doméstica

Crime
Ana Dias Cordeiro

O crime ocorreu pouco depois das 8h da manhã, na aldeia de Samorinha, Bragança. O marido da vítima foi detido pela GNR

Uma mulher foi assassinada ontem de manhã em Samorinha, no concelho de Carrazeda de Ansiães, distrito de Bragança. Um homem, que se encontrava com a vítima, foi esfaqueado e ficou gravemente ferido. Foi transportado de ambulância para o Hospital de Vila Real.

A vítima, Maria Albertina Veiga Lopes, tinha 44 anos e era mãe de dois filhos ainda a viver na casa dos pais em Carrazeda de Ansiães. O filho mais novo tem 12 anos. A filha mais velha trabalhava com a mãe num restaurante da família na mesma localidade. “Tratou-se de um crime passional e estão a ser desenvolvidas todas as diligências para apurar as circunstâncias”, confirma fonte ofi-

cial da directoria do Porto da Polícia Judiciária (PJ). O principal suspeito é o marido da vítima, que entretanto foi detido pela Guarda Nacional Republicana, disse ainda o capitão Carlos Canatário desta polícia. O homem está sob custódia da PJ, que ficou responsável pelo caso.

Não existem ainda números oficiais quanto às mortes em contexto de violência doméstica de 2019. Segundo um levantamento feito pelo PÚBLICO com base nas notícias publicadas desde o início do ano, são já 30 as pessoas assassinadas desde

Maria Albertina Lopes foi esfaqueada e morreu. Ao seu lado, ia outro homem, que ficou gravemente ferido. Suspeito está sob custódia da PJ

Janeiro de 2019: 24 mulheres e seis homens.

A dois meses e meio do fim do ano, o número está próximo do atingido durante todo o ano de 2018, quando foram registados 32 homicídios em contexto de violência doméstica de um total de 87 homicídios, segundo dados do Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal, ligado à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Contactados, a direcção nacional da PSP e o comando-geral da GNR disseram não estar autorizados a informar se a vítima alguma vez tinha apresentado queixa por violência doméstica.

O crime terá ocorrido pouco depois das 8 horas da manhã, à entrada da aldeia de Samorinha. Para o local, foram enviados 16 meios humanos, apoiados por seis viaturas e foi accionado um helicóptero do INEM, que não chegou a ser utilizado, confirma o Comando Distrital das Operações de Socorro de Bragança.



APAV com posto de atendimento no Cartaxo

foto DR



Pedro Magalhães Ribeiro e João Lázaro no final da cerimónia

Serviço vai funcionar às terças-feiras, das 09h30 às 12h30, no edifício José Tagarro.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e a Câmara do Cartaxo assinaram na quinta-feira, 10 de Outubro, um protocolo de colaboração com o objectivo de criar um serviço de atendimento e apoio à vítima mais próximo da população do concelho do Cartaxo. O pólo vai funcionar às terças-feiras, das 09h30 às 12h30, no edifício José Tagarro, na Rua Marcelino Mesquita, no centro da cidade. Na cerimónia estiveram presentes o presidente da APAV, João Lázaro, e o presidente do município, Pedro Magalhães Ribeiro. Segundo o autarca, a assinatura deste protocolo irá proporcionar um trabalho mais directo da APAV com a autarquia, em colaboração com a Equipa Móvel de Apoio à Vítima (EMAV) da Lezíria do Tejo (Unidade Móvel do Cartaxo) da APAV.



ID: 83140461

24-10-2019

Espaço Socorrista

Violência doméstica

Todos temos vindo a acompanhar este tema, de tanto que se ouve falar. As notícias bombardeiam a nossa população com eventos terríveis, que são cada vez mais frequentes, infelizmente. E o que é isto de "Violência Doméstica"? Segundo a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), este crime contempla todo o tipo de ações físicas, sexuais, psicológicas e económicas.

Existem vários tipos de abusos, tais como: o emocional, — que consiste em afetar as emoções da vítima, ameaçando magoar os que lhe são próximos, como os filhos; o social, — abrangendo um controlo na vida social e familiar, impedindo qualquer tipo de comunicação com os outros; o físico, — que engloba qualquer contacto direto com a vítima; o sexual, — no qual o/a companheiro/a

obriga à prática de atividade sexual, quer com o agressor, ou até mesmo com outras pessoas; o financeiro, — em que há controlo excessivo na atividade monetária, quer com ganhos, quer com gastos; e o que possivelmente será um dos mais falados, talvez pelo seu final trágico, a perseguição — onde a grande parte dos desfechos é o suicídio ou até mesmo o homicídio resultado da tentativa de fuga do ambiente aterrador em que vive a vítima.

A violência doméstica tem um ciclo, constituído por 3 fases: inicialmente há um aumento de tensão, começam as ameaças, as tentativas de criar na vítima uma sensação de perigo, alastrando-se para o ataque violento, sendo este a segunda fase, o agressor maltrata física e psicologicamente a vítima, onde vai aumentando

a sua frequência e intensidade. A última fase, chamada de "lua-de-mel", o ofensor conforta a vítima, dando-lhe carinho, atenção, caprichando-a e prometendo que não voltará a fazer-lhe mal, que irá mudar o seu comportamento e a sua postura. O ciclo reinicia-se.

A percentagem de vítimas em Portugal tem vindo a aumentar de forma gradual. Em 2018 foram identificados 23 600 suspeitos por violência doméstica, 19 971 do sexo masculino e 3 629 do sexo feminino. Houve um total de 28 230 pessoas que sofreram de violência, 5 950 homens e 22 280 mulheres (dados recolhidos pelo Instituto Nacional de Estatística). Neste ano de 2019, até à data, foram registadas 21 mortes de mulheres que foram vítimas deste crime.

Apesar de existir um



maior número de vítimas do sexo feminino, conhece-se cada vez mais homens que sofrem deste mau trato. Estes são os números que conhecemos, mas quantos outros estão escondidos dentro de casa? Quantos outros escondem por detrás de um sorriso, um mar profundo

de lágrimas? Quantos são aqueles que passam por nós na rua e vivem um pesadelo? Qual será o número que marcará o final do ano, ou o início do próximo? Qual será o tamanho da dificuldade em pedir ajuda? Ou até mesmo o da vergonha em fazê-lo? E sobre a vergonha,

não tenha, denuncie. Peça ajuda. Não há vergonha em agir, é um enorme ato de coragem. Não sinta que o problema vem de si, não tenha pensamentos de culpa.

O valor da nossa vida é o único número da qual vale a pena fazermos parte. TÂNIA DIAS, SOCORRISTA



Comportamentos

Bullying: e se fosse consigo?

No Dia Mundial de Combate ao *Bullying* que hoje se assinala, importa dizer que o bullying não é apenas uma fase passageira, não acontece só aos outros e não se resolve sozinho. É preciso haver quem dê a cara por ele. E sobretudo voz às vítimas

ANA PAGO
DN/ Açoriano Oriental

No quarto, fechada do mundo, com medo de falar fosse a quem fosse, Joana Lucas chorava sozinha. “Tinha 9 anos quando entrei para a preparatória numa escola em Sintra e o *bullying* começou sem eu saber porquê. Sem saber sequer que aquilo era *bullying*”, conta a jovem atriz de 18 anos, personagem do elenco principal da novela *Paixão* (da SIC). Até aos 12 anos foi sempre a escalar: que não era suficientemente bonita para estar num grupo; que era betinha e tinha pais surdos e fazia câbulas e o diabo a quatro. O coração passou a bater-lhe alvorçado até mesmo a ouvir os sons mais inocentes: o toque de um telemóvel perto, a campanha da porta, armários a fechar-se em casa como as bofetadas que chegou a levar: *pás, pás*. “Tornou-se insuportável.”

Infelizmente, este tipo de comportamentos “são comuns na vida dos nossos jovens e sempre existiram nas escolas e demais contextos em que os miúdos interagem”, lamenta o psicólogo Luís Fernandes, a trabalhar nas áreas da prevenção, combate e intervenção no *bullying* e *cyberbullying* (assim chamado se as agressões ocorrem no ciberespaço). O facto de muita gente o descartar como brincadeira de crianças não pode, nunca, legitimar a violência. “Somos o 15.º país com mais relatos na Europa e América do Norte, a crer nos relatórios, o que nos deixa à frente dos EUA, palco de três quartos dos tiroteios em escolas registados

no mundo nos últimos 25 anos”, alerta. O *bullying* não é apenas uma fase nem passa sozinho.

“Um em cada quatro jovens envolve-se em situações de *bullying* como vítima, agressor ou ambos – por exemplo, um aluno de 7.º ano que é vítima de um aluno do 9.º e vai agredir, ele próprio, um colega do 5.º”, explica Luís Fernandes, coautor dos livros *Plano Bullying e Diz Não ao Bullying* (em parceria com a investigadora Sónia Seixas) e *Cyberbullying – Um Guia para Pais e Educadores* (com Sónia Seixas e Tito de Morais, fundador do site MiúdosSegurosNa.Net). Outros dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância, divulgados em novembro de 2017, revelam que entre 31 e 40% dos jovens portugueses, dos 11 aos 15 anos, foram intimidados na escola pelo menos uma vez a cada dois meses.

No caso de Joana Lucas, fazia-se pequena a tentar que não a vissem – não outra vez, não ela: “Tentava agradar-lhes, integrar-me, dava a minha comida. E eles aceitavam-na e continuavam a troçar, ou então zangavam-se se me pediam algo que eu não tinha”, conta a jovem, a chorar enquanto fala. No 6.º ano, após umas férias no Norte com os pais, teve uma paralisia facial durante um mês – a sua pior fase de sempre sem contar com a das agressões físicas, nos últimos dias do preparatório. “Diziam que era tudo mentira, que só queria mascar pastilha. Chegaram a pôr-me um saco à volta da cabeça e a atirar-me bolas à cara para ver se funcionava.” Começou a cortar

os braços com tesouras e a queimar as costas no banho para não sentir tanto a dor por dentro.

“Não sou maluca. Eu cortava e escondia para a minha família não sofrer comigo. Só queria um refúgio das minhas feridas emocionais e as físicas, de algum modo, aliviavam as outras”, confessa a atriz. Hoje em dia é a primeira a dar a cara publicamente para dizer que certas mágoas talvez nunca passem, mas a vergonha sim: “Pensava que era eu a culpada por ser como sou. Devia estar a provocá-los.” Perceber que os atos ficam com quem os praticam é o que a leva a querer dizer agora a outros que está ali, podem contar consigo, desabafem. “Ninguém no mundo merece passar por isto”, afirma, convicta de que as agressões só desaparecem se as pessoas falarem delas.

Foi justamente o que fez Nuno Markl, vítima assumida de *bullying* ao longo da infância e adolescência, ao elaborar um Breve Manual de Combate ao *Bullying* na sua página de Facebook. “Atravessei anos de impropérios e humilhação. Na altura, com muita pena minha, não se chamava *bullying*; não seria grande ajuda, mas pelo menos sempre era uma palavra estrangeira com o seu estilo, parecida com, sei lá, *jogging*”, brinca o humorista, adepto de se rir de si mesmo para ter – para terem todas as vítimas – a última gargalhada.

Com Conan Osiris (Tiago Miranda) é mais um tirar de chapéu aos palermas que o atacaram: depois de vencer o Festival da Canção e representar Por-



tugal na Eurovisão 2019, o *bullying* leva-o a estrear-se no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, com um concerto a 12 de dezembro. “Parece redutor, mas foi o que originou. Todos os toques, apalpões, puxões de cabelo, baixares de cuecas, olhares, risos de escárnio, palavras e promessas de violência sexual e física modelaram-me exatamente no que sou hoje”, revela o jovem e talentoso cantor português, como lhe chamou o ex-vocalista dos Pink Floyd, Roger Waters. Ninguém gosta de ser visto como vítima ou de vir para a frente contar que lhe batiam, mas por isso é que Tiago o faz.

“Os agressores, com o tempo, irão entender que o que fizeram teve um custo, mesmo que esse custo seja ver quem agrediram passar-lhes à frente no jogo da vida”, desfero o artista. Nem se trata de mostrar que faz mal fazer mal – isso toda a gente sabe –, mas que quem faz o bem também vence. “Quando és criança há agressões vindas de todos os lados, dentro e fora da escola, desde dizerem que não podes ver *Sailor Moon* porque és de meninas até levarem-te ao médico porque não gostas de futebol.” Na parte que lhe toca, tem a preocupação diária de di-

rigir uma palavra de encorajamento e proteção aos mais novos, ou a quem é atingido por abuso: “Faço-o porque posso e sinto que é útil, e vejo a sua eficiência na maneira como o público se relaciona comigo.”

Uma curta rede de bons amigos também ajuda sempre neste processo, confirma Nuno Markl no seu Manual de Combate trágico-cómico: “Comigo não foi exatamente fácil, mas também não foi demasiado difícil porque eu tinha alguns escapes, a começar por amigos. Sei que às vezes parece que eles não existem e estamos sozinhos no mundo, mas há muita gente boa.”

Daí ser tão necessário envolver as próprias crianças e jovens, a par dos adultos, na prevenção e resolução de conflitos. “Muitas vezes os pais e professores só notam que se está a passar alguma coisa grave quando observam os efeitos desta pressão a manifestarem-se sob a forma de fobia à escola, baixo rendimento escolar, doenças psicossomáticas e depressão”, sublinha a neuropsicóloga Tânia Paiais, diretora do PortalBullying e autora de *Tenho Medo de Ir à Escola* (ed. Esfera dos Livros). Aqui, ape-



DIREITOS RESERVADOS



Elas também dão a cara por esta causa

Sempre que as pessoas falam, estão a contribuir para acabar com agressões de natureza física e emocional.

Demi Lovato

O *bullying* entrou na vida da cantora quando ainda não se falava dos efeitos devastadores nas vítimas, mas Lovato não se cala: “Houve uma petição na escola para que eu me matasse e muitos assinaram. Eram coisas maldosas, de revolver o estômago”, contou em entrevista à jornalista Tracy Smith, da CBS. “Também havia uma ‘parede do ódio à Demi’ numa casa de banho, com várias nojices escritas. Acabei por ter aulas em casa.” Hoje Lovato está bastante envolvida na causa do *bullying*, falando do que passou na adolescência para ajudar outros jovens.

Millie Bobby Brown

A estrela de 15 anos da Netflix fala de *bullying* e *cyberbullying* sempre que pode, já que ela própria se sentiu perdida nesse papel: “Tive de lidar com situações de partir o coração tanto na vida real como *online*”, admite a Eleven de *Stranger Things*. “As pessoas recebem tanto amor nas redes sociais, mas apenas estão focadas no ódio.” Aos 7 anos, a mais jovem embaixadora da Unicef teve de mudar de escola por ser constantemente intimidada por um colega. “Agora só quero mostrar a quem sofre que partilhar as suas experiências com os outros ajuda.”

Kate Middleton

Aos olhos de algumas alunas do colégio Downe House, em Berkshire, Kate era uma adolescente demasiado magra, demasiado tímida e demasiado perfeita (o que quer que isso signifique), transformando-a em alvo da inveja das outras até não conseguir suportar mais ataques. Em entrevista ao jornal *The Sun*, a colega Jessica Hay contou que as outras meninas chegaram a pôr fezes na cama da Duquesa de Cambridge, que desenvolveu eczema e já mal comia devido ao stress emocional intenso. Atualmente é das maiores benfeitoras de crianças e jovens em risco.

Miley Cyrus

Conhecida por não ter papas na língua, a musa teen fala abertamente do *bullying* severo que sofreu na escola, sempre solitária, triste e sem amigos que a defendessem do grupo de raparigas mais velhas que a perseguiram constantemente. “Eu era magrinha e pequena, elas duronas e bem maiores do que eu. Se quisessem, podiam magoar-me a sério”, recorda a cantora no livro *Hannah Montana e Eu*, garantindo que nunca se vai esquecer daquela angústia.

Jessica Alba

Quem a vê confiante e escultural não imagina o quanto a atriz sofreu na escola ao mudar-se para Los Angeles. “Era extremamente tímida, desajeitada, tinha os dentes grandes e um sotaque texano pronunciado”, disse ao *The Mirror* Jessica Alba, acoçada por viver num apartamento pequeno e não ter dinheiro para roupa ou mochilas bonitas. “A discriminação era tanta que o meu pai me levava à escola para não ser importunada no caminho, e almoçava na enfermaria para não ter de me sentar com as outras crianças.”

Medidas práticas de combate ao bullying

Anteção

A melhor forma de se prevenir e intervir na área do *bullying* é fazê-lo o mais precocemente possível, de preferência antes de se manifestarem os primeiros sinais de prepotência ou submissão que podem indiciar abuso de poder ou vitimização, respetivamente.

Sinais

Estudos revelam que mais de 60% das vítimas de *bullying* não contam aos pais nem aos amigos o que estão a sentir, embora haja certos alertas recorrentes que passam por isolamento, descida brusca das notas (mesmo em bons alunos), alheamento da realidade e da família, rejeição do telemóvel. Não os ignore.

Converse

Podem não ser fácil chegar ao seu filho, se for adolescente e não tiverem o hábito de falar em família, mas deixá-lo sozinho não é opção. Tente sondá-lo sem in-

terrogatórios, com calma, mostrando-lhe que está ali e quer ouvir o que o magoa. Nunca lhe diga coisas como “ignora”, “tens que te defender” ou “estás a ser dramático”, já que corre o risco de ele preferir sofrer em silêncio.

Envolve

É essencial definir um projeto que abarque desde o pré-escolar ao final do secundário e envolva toda a comunidade educativa. Sabe-se que escolas/agrupamentos que desenvolvem um programa *antibullying* junto das suas turmas, e olham para os encarregados de educação como elementos fundamentais nesta problemática, conseguem reduzir os índices de *bullying* em pelo menos 50%.

Agressores

É tão importante trabalhar com os agressores como com as vítimas, dado muitas vezes eles próprios serem vítimas de ambientes agressivos e até de violência física em contexto familiar. Expostos a situações difíceis protagonizadas por adultos de referência, alguns jovens acabam por replicá-las.

Cyberbullying

Não sendo possível ou recomendável proibi-la, importa fazer uma utilização consciente da tecnologia. O livro *Cyberbullying – Um Guia Para Pais e Educadores* de Tito de Moraes, Sónia Seixas e Luís Fernandes (Plátano Editora, 2016) lança um pouco de luz sobre o tema e ensina a prevenir, identificar, intervir e combater a violência *online*.

Atenção

A vivência *online* de crianças e jovens começa em casa e é um processo dinâmico e contínuo, pelo que os adultos devem tentar manter-se a par das novidades e educar os filhos para os benefícios e riscos a que podem estar expostos no ciberespaço.

Ajuda

Se for vítima da partilha indevida de imagens pessoais ou conhecer alguém a passar por essa situação, contacte a Linha Ajuda do Centro Internet Segura: 800 21 90 90. Pode ainda ligar para a Linha da Criança (Provedor de Justiça): 800 20 66 56. Ou para a APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima: 707 200 077. Que ninguém deixe de denunciar a violência. Tanto é agressor quem bate como quem assiste sem intervir. ♦

sar de o sexo feminino ser menos dado à violência física do que os rapazes, “vemos cada vez mais raparigas como agressoras, o que traduz uma forma distorcida de afirmação perante o sexo oposto”.

E sim, é um facto que sempre houve e continuará a haver lutas e brincadeiras agressivas ou de mau gosto: fazem parte da dinâmica infantojuvenil, não lhe parece problemático. “Já tudo o que limita a liberdade do outro, o humilha ou atenta contra a sua vontade são sinais claros para parar e pensar noutra forma de diversão”, avisa a psicóloga clínica, especialista em violência no contexto educativo. Quem sofre tem de poder dizer que não gosta, não quer mais, basta. “Isto faz-se envolvendo todos os agentes educativos em intervenções continuadas junto dos jovens, que os capacitem para a empatia, a cooperação, a entreajuda e a importância de relações saudáveis”, diz.

A pensar nisso a Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa (FMH), em parceria com o Instituto Português do Desporto e da Juventude, elaborou um manual de prevenção da violência na formação desportiva, destinado a orien-

tar os dirigentes desportivos que queiram implementar uma política *antibullying* no seu clube. “Os agressores são descritos como ativos e com performance alta, fatores tendencialmente valorizados no contexto desportivo”, concluiu o psicólogo clínico Miguel Nery na sua tese de doutoramento *Bullying no contexto da formação desportiva em Portugal* – o maior estudo nacional sobre o tema.

Treinos, centros de estágio e o balneário distinguem-se como locais privilegiados para a ocorrência de episódios violentos, por haver menos controlo e o grupo estar em interação. Dados da pesquisa indicam ainda que 10% de um total de 1458 atletas assumiram já ter sido vítima de *bullying*, ao passo que 11,25% concederam ter participado como agressores. “É uma realidade nefasta, segregadora, que promove a exclusão de jovens atletas e o abandono desportivo”, observa o autor, lamentando que muitos treinadores e praticantes julguem necessário passar por ela para terem sucesso. “É preciso acabar com o silêncio, mudar práticas.” E sobretudo parar de não fazer nada para ajudar a achar que seria muito pouco.



Professores exigem “tolerância zero”

Sindicato pede que violência na escola seja crime público. Governo admite estudar. Diretores apontam às famílias



KOTI MANUEL FONSECA / GLOBAL IMAGES

Há uma semana, em Valença, fez-se um cordão humano contra agressões

Alexandra Figueira
afigueira@jn.pt

ESCOLA A proposta do Sindicato Independente de Professores e Educadores (SIPE) já seguiu para o Ministério da Educação e a petição está a correr: as agressões a professores por alunos ou encarregados de educação devem ser um crime público. João Costa, secretário de Estado da Educação, disse ontem à TSF que estudará a proposta com o Ministério da Justiça.

Júlia Azevedo, presidente do SIPE, quer uma política de “tolerância zero” contra a violência sobre professores e funcionários. Fazer de agressões verbais ou físicas e do bullying um crime público, admite, é uma “medida drástica”, mas diz ser fundamental para “restaurar a ideia de que o professor tem que ser respeitado”.

Os casos de violência perpetrados por alunos ou pais invadiram as notícias este mês. Se este tipo de violência for classificado como crime público, o Ministério Público poderá atuar contra os agressores, mesmo que a vítima fique em silêncio. Casos em que os professores nem formalizam uma quei-

xa são comuns, porque existe um “sentimento de impunidade” ou porque “têm medo de represálias”, assicura Júlia Azevedo. É assim que justifica a descida do número de casos reportados às autoridades e ontem lembrado por João Costa.

JUDICIALIZAR NÃO CHEGA

A violência doméstica passou a ser crime público em 2000. Foi “claramente positivo”, até porque “alargou a consciência da responsabilização de familiares ou amigos”, diz João Lázaro, da Associação de Apoio à Vítima. Sem falar do caso específico dos professores, Lázaro entende que a judicialização da violência, só por si, não chega. É preciso ter “válvulas de escape”, para travar o processo, se o conflito for entretanto sanado, e criar formas de mediação e resolução de conflitos.

Mas os recursos de que as escolas dispõem para impedir que um conflito resulte em violência são insuficientes, diz Filinto Lima, da Associação de Diretores de Escolas Públicas. “O Ministério da Educação deve tomar medidas que mostrem à sociedade o carinho que tem aos professores”.

E as famílias devem ser responsabilizadas. “Não existe um problema na escola, mas na sociedade: a autoridade – do professor, do polícia, do adulto – não é respeitada”, lamenta.

João Costa concorda: “Muitas escolas sentem que a indisciplina é legitimada ou desculpabilizada pelos encarregados de educação. Isso não é aceitável”.

MEDIDAS

Custear ações judiciais

Honorários de advogados e custas judiciais desincentivam muitos professores de avançar para tribunal. Para Filinto Lima, se a agressão ocorre em ambiente escolar, deve ser um encargo do ministério. João Costa diz que as Direções Regionais de Educação fazem aconselhamento.

Contratar técnicos

Filinto Lima assegura que as escolas têm menos psicólogos do que o recomendado; e certas escolas devem ter mais técnicos como “assistentes sociais ou educadores sociais”, capazes de mediar conflitos.



ID: 83251135

31-10-2019

Um minuto de gritos, palmas, sirenes e sinos contra a violência doméstica

Protesto Desde o início do ano, já 30 pessoas foram vítimas mortais de violência doméstica no país, um número que se aproxima do total de 2018. O “barulho” que se fez ouvir ontem foi uma forma de protestar contra este fenómeno

Um momento de protesto foi audível e visível a meio da tarde de ontem em vários pontos da cidade de Aveiro. Junto à margem do Lago da Fonte Nova e à porta do Centro Cultural e de Congressos de Aveiro, juntaram-se cerca de 60 pessoas, funcionários da Câmara Municipal, que desceram até à rua para um protesto para que não sejam esquecidas as vítimas mortais da violência doméstica.

Este ano, já foram contabiliza-



Funcionários da Câmara concentraram-se, ontem, frente ao Centro de Congressos

zadas 30 mortes, um número que se aproxima do total atingido no ano passado.

Um momento que a Câmara assinalou, enquanto tocavam os sinos do edifício dos Paços do Concelho, também para procurar “evitar que haja mais vítimas”. A campanha “Não Fiquemos à Espera - Não à Violência Doméstica” foi assinada pela Câmara, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), Associação Nacional de Municípios Portugueses,

Altice, Associação Portuguesa de Contact Center, Federação Portuguesa de Futebol e Liga Nacional de Bombeiros, entre outras.

Aveiro em quarto lugar

O Relatório Anual de Monitorização de 2018, com base nas queixas de violência doméstica apresentadas na GNR e PSP, indica 26.432 participações: 5.981 em Lisboa, 4.614 no Porto, 2.458 em Setúbal, 1.804 em Aveiro e 1.801 em Braga. ◀

Figuras públicas reunidas no lançamento da nova campanha da APAV

Notícias ao Minuto · 23 out 2019 07:11 · Atualidade

Patrícia Candoso é a embaixadora do projeto.



A Cotril associou-se à APAV, Associação de Apoio à Vítima, para lançar uma nova campanha solidária que reverte a favor da associação. A apresentação do projeto decorreu recentemente num Sunset Cocktail, que reuniu várias celebridades.

Patrícia Candoso marcou presença enquanto embaixadora da campanha, mas esta não era a única cara conhecida. Joana Alvarenga, Mara Prates e Rosa Bela foram outras das famosas presentes.

Ainda durante o evento, as caras conhecidas foram convidadas a fazer uma diagnóstico capilar e aconselhamento técnico.

Confira a galeria para ver todas as imagens!

APAV ASSINALA DIA INTERNACIONAL DO IDOSO

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) celebra anualmente o Dia Internacional do Idoso

Por Revista Dignus / 01/10/2019



A **Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)** celebra anualmente o **Dia Internacional do Idoso**, uma data que pretende sensibilizar a sociedade para as questões do envelhecimento e para a necessidade de **promover os direitos humanos da população mais idosa**.

Neste dia, a APAV destaca o **projeto Portugal Mais Velho**, que tem vindo a desenvolver em parceria com a **Fundação Calouste Gulbenkian** e procura refletir sobre o fenómeno da violência contra as pessoas idosas, bem como **sensibilizar a população para este tipo de violência**. O projeto conta com a participação de profissionais de várias áreas que têm vindo a discutir formas de combater a violência contra as pessoas idosas.

A APAV está disponível para ajudar através de diferentes serviços, nomeadamente através da **Linha de Apoio à Vítima (116 006 – chamada gratuita, dias úteis, das 9h-21h)**, o número de apoio confidencial e gratuito da APAV.



SE PRECISA DE VER PARA CRER ESTA CAMPANHA DA APAV É PARA SI (COM VÍDEO)

Por Pedro Durães a 4 de Outubro de 2019

ESTA É A FOTO QUE O PAI DO ANDRÉ USOU PARA O EXPOR NO MUNDO DA PORNOGRAFIA INFANTIL.

SE NÃO ESTÁS A VER ESTA IMAGEM, É PORQUE ALGUÉM A VIU E DENUNCIOU. NÃO É PRECISO VER PARA CRER. O CIBERCRIME EXISTE. DENUNCIA. 800 219 090

Linha Internet Segura 800 219 090
APAV Apoio à Vítima

FCT ANP RTP

Despertar consciências para a frequência e “quase omnipresença no dia-a-dia da sociedade” dos crimes associados ao mundo digital é o objectivo de uma nova campanha da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Com criatividade a cargo da Carmen, agência criativa do YoungNetwork Group, a campanha pretende, nas palavras de Ricardo Estrela, porta-voz da associação, “sensibilizar a sociedade em geral para a magnitude dos problemas em torno do cibercrime.” “Agora responsáveis pela Linha Internet Segura, queremos apoiar o maior número de vítimas possível e ajudar no combate aos crimes digitais”, justifica.

Para activar a campanha, que tem como claim “Não é preciso ver para crer”, foi criada uma exposição nas Carpintarias de São Lázaro, em Lisboa,

intitulada “Exposição de Armas do Séc. XXI”. No entanto, em vez de uma exposição de equipamentos militares, os visitantes eram surpreendidos por exposição de equipamentos digitais como telemóveis ou computadores, as “armas” que permitem os cibercrimes.

“Quisemos promover ao máximo o nosso lado criativo e conceder o maior impacto possível a esta campanha, através de uma exposição disruptiva e através de uma comunicação estratégica que nos permitisse causar o maior impacto possível”, refere Ana Luísa Paiva, chief operations officer do YoungNetwork Group, considerando que “este é mais um serviço essencial para a sociedade que agora a APAV disponibiliza e o qual nos orgulhamos em apoiar”.

INTERNET

APAV lança campanha contra o cibercrime: «Não é preciso ver para crer»



Primeira ação da campanha foi uma exposição sobre smartphones e computadores enquanto equipamentos que deixam os utilizadores vulneráveis a ataques

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) está a promover uma campanha que tem como objetivo sensibilizar a população relativamente aos perigos e consequências dos crimes digitais. O slogan da campanha é «Não é preciso ver para crer. O cibercrime existe.»

«Com esta campanha pretendemos sensibilizar a sociedade em geral para a magnitude dos problemas em torno do cibercrime. Agora responsáveis pela Linha Internet Segura, queremos apoiar o maior número de vítimas possível e ajudar no combate aos crimes digitais», sublinha, em comunicado, Ricardo Estrela, porta-voz da APAV.

A campanha contra o cibercrime começou oficialmente no dia 21 de setembro com a Exposição de Armas do Séc. XXI, nome da mostra que a APAV montou nas Carpintarias de São Lázaro, em Lisboa – telemóveis, computadores e outros gadgets eram os elementos da exposição, para que os visitantes percebessem que estes equipamentos estão a ser usados por uma nova geração de criminosos como “armas” de ataque contra os utilizadores.

De recordar que a Linha Internet Segura está disponível através do número 800 219 090 (dias úteis entre as 9h e as 21h) ou do email linhainternetsegura@apav.pt. «O apoio é confidencial e gratuito», recorda a APAV.

Aprender a lidar com a violência é uma ferramenta essencial para os jovens

No âmbito do programa Cidadãos Ativos, o projeto Ser Plus da APAV quer transmitir bases, a centenas de jovens, para lidarem com a violência.



No projeto SER Plus, a Associação de Apoio à Vítima (APAV) quer treinar crianças do ensino primário a reconhecerem situações de violência e a lidarem com elas.

Chama-se Hora do Ser e junta crianças dos seis aos dez anos, professores e jovens universitários numa espécie de momento de brincadeira onde, uma vez por semana, se aprendem coisas sérias como a prevenção da violência.

"Não é uma aula, trabalhamos muito a mímica, jogos que nos permitem trabalhar competências de assertividade, como é que o outro reage perante uma situação de violência, como é que aquela pessoa se sente, procurar na experiência das crianças encontrar resposta para os objetivos do projeto", explica Rosa Saavedra, da APAV.

A responsável explica que os objetivos do projeto passam por preparar os mais novos para lidarem com potenciais situações de violência, nomeadamente a "empatia relativamente à vítima" para que as crianças sejam "capazes de identificar sentimentos e emoções", mas também as "consequências que uma situação de vitimação pode desencadear numa vítima", bem como a capacidade de "identificar estratégias de segurança na eventualidade de assistirem e testemunharem uma situação ou serem elas próprias vítimas".

Para garantir essa segurança, a APAV ensina as crianças a escolherem uma pessoa adulta de confiança em quem possam pedir ajuda caso venham a ser vítimas de crime. Pode ser um familiar, mas também um professor ou alguém da escola.

"Não é só a pessoa com quem partilha as situações de receio e de medo, à partida será também as situações de felicidade e de partilha positiva", explica.

Em causa podem estar os maus tratos na família, na escola, mas também a violência sexual. Além da violência física, Rosa Saavedra refere que o programa também trabalha a violência mais difícil de ver a olho nu.

"Não é tão fácil que as crianças aceitem a violência psicológica como violência", explica, já que não é visível nem tão explícita, o que leva a APAV a trabalhar esta questão.

O projeto Ser Plus quer chegar a 700 crianças em todo o país, a 100 jovens universitários em regime de voluntariado e 150 profissionais de educação, numa lógica de usar a prevenção como ferramenta para defesa dos direitos humanos.

APAV com posto de atendimento no Cartaxo



Serviço vai funcionar às terças-feiras, das 09h30 às 12h30, no edifício José Tagarro.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e a Câmara do Cartaxo assinaram na quinta-feira, 10 de Outubro, um protocolo de colaboração com o objectivo de criar um serviço de atendimento e apoio à vítima mais próximo da população do concelho do Cartaxo. O pólo vai funcionar às terças-feiras, das 09h30 às 12h30, no edifício José Tagarro, na Rua Marcelino Mesquita, no centro da cidade. Na cerimónia estiveram presentes o presidente da APAV, João Lázaro, e o presidente do município, Pedro Magalhães Ribeiro. Segundo o autarca, a assinatura deste protocolo irá proporcionar um trabalho mais directo da APAV com a autarquia, em colaboração com a Equipa Móvel de Apoio à Vítima (EMAV) da Lezíria do Tejo (Unidade Móvel do Cartaxo) da APAV.

APAV LANÇA CAMPANHA CONTRA O CIBERCRIME

Publicado por Smart Cities Network | Out 9, 2019 | Smart Cities Network



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) acaba de lançar uma Campanha contra o Cibercrime com o objetivo de sensibilizar a população para os problemas em torno dos crimes digitais.

Sob o mote “Não é preciso ver para crer”, a Associação pretende destacar a frequência dos crimes associados ao mundo digital e destacar a sua quase omnipresença no dia-a-dia da sociedade. Esta ação foi idealizada pela CARMEN, agência criativa portuguesa do YoungNetwork Group.

Ricardo Estrela, porta-voz da APAV, refere que: “Com esta Campanha pretendemos sensibilizar a sociedade em geral para a magnitude dos problemas em torno do cibercrime. Agora responsáveis pela Linha Internet Segura, queremos apoiar o maior número de vítimas possível e ajudar no combate aos crimes digitais. Aproveitamos para deixar um agradecimento à Carmen e a todo o grupo Youngnetwork pelo apoio que nos concedeu em tornar esta campanha ainda mais impactante.”

Esta campanha da APAV foi ativada através da realização da “Exposição de Armas do Séc. XXI”, uma iniciativa que a Associação desenvolveu entre os dias 21 e 27 de setembro nas Carpintarias de São Lázaro, em Lisboa. Com o intuito de passar ao público a ideia de que este iria assistir a uma exposição de equipamentos militares, na realidade a exposição revelou-se ser uma exposição de equipamentos digitais como telemóveis, computadores, entre outros ou seja, as “armas” que permitem os cibercrimes.

Para Ana Luísa Paiva, *Chief Operations Officer* do YoungNetwork Group, comenta que: “é mais uma associação com a APAV e mais uma campanha impactante. Quisemos promover ao máximo o nosso lado criativo e conceder o maior impacto possível a esta campanha, através de uma exposição disruptiva e através de uma comunicação estratégica que nos permitisse causar o maior impacto possível. É mais um serviço essencial para a sociedade que agora a APAV disponibiliza e o qual nos orgulhamos em apoiar”.

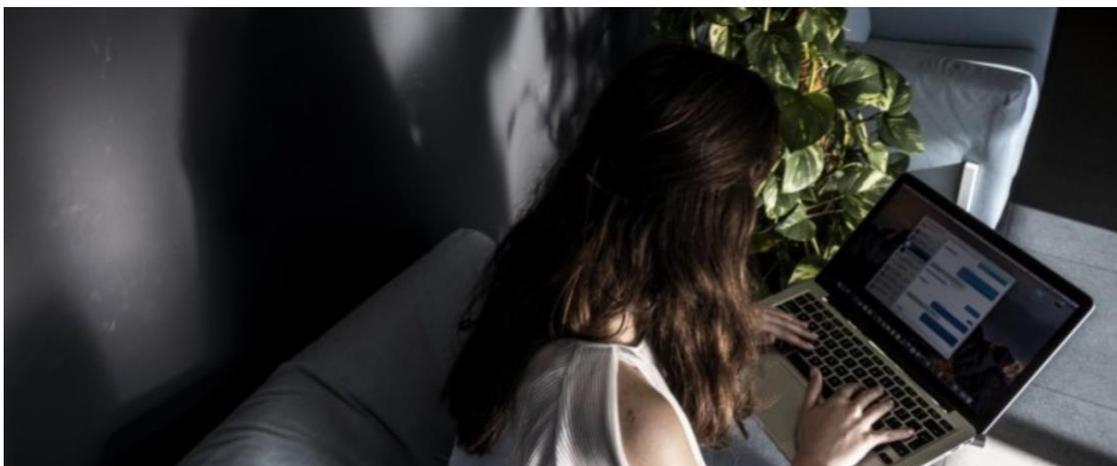
Agora sob responsabilidade da APAV, a Linha Internet Segura está disponível através do número 800 219 090 (dias úteis entre as 9h e as 21h) ou do email linhainternetsegura@apav.pt. O apoio é confidencial e gratuito. Os conteúdos ilegais podem ser denunciados online - <http://linhaalerta.internetsegura.pt>

CIBERSEGURANÇA

Vítimas de programas de espionagem doméstica aumentam em Portugal e no mundo

A empresa de cibersegurança Kaspersky diz que há um mercado global para este tipo de ferramentas que podem custar apenas seis euros. A Rússia, a Índia e o Brasil são os países mais afectados, mas o número de vítimas também está a aumentar em Portugal.

Karla Pequeno - 11 de Outubro de 2019, 14:04



Entre Janeiro e Agosto deste ano, mais de 37 mil pessoas em todo o mundo – **incluindo 93 em Portugal** – encontraram programas de espionagem doméstica instalados nos seus aparelhos electrónicos. É um aumento de 35% face ao mesmo período de 2018. Outras 518 mil pessoas detectaram uma tentativa de instalar estes programas nos seus telemóveis, *tablets* ou computadores. Os dados são da Kaspersky Lab. Este mês, a empresa de cibersegurança publicou o seu mais recente relatório sobre *starkarware* – uma expressão inglesa que descreve programas informáticos comerciais utilizados como ferramenta doméstica para espionagem.

Em 2019, a tecnologia **dá, e vende, opções a quem quer controlar outros à distância**: desde programas de espionagem escondidos em telemóveis que transmitem a localização exacta do utilizador, a programas que dão acesso a mensagens alheias enviadas através do computador. As versões mais básicas dos programas podem custar menos de dez euros. Outros, que funcionam com uma assinatura pré-paga podem chegar aos 50 euros mensais para pacotes que incluem serviços de vídeo em directo à distância.

Em Portugal, os especialistas da Kaspersky Lab contabilizaram 93 pessoas entre as vítimas desta ameaça – representa um aumento de 28% face ao mesmo período do ano anterior, em que tinham sido registados 67 casos. A Rússia é o país onde este tipo de ferramentas é mais popular, com 25,6% de utilizadores com aparelhos tecnológicos analisados a serem infectados nos primeiros oito meses de 2019. O **Brasil ocupa o terceiro lugar do pódio**, depois da Índia, com 7,1% de utilizadores afectados.

“Estes programas de vigilância comerciais que são usados para **espiar colegas de trabalho, familiares e até parceiros** estão a ter uma grande procura”, notam os analistas da Kaspersky Lab no relatório. “A diversidade geográfica das zonas onde estes ataques são mais populares mostra que **há um mercado global para estas ferramentas**. Os dez países com o maior número de utilizadores afectados não têm semelhanças geopolíticas nem estão próximos uns dos outros.”

Tanto a loja online do Google como a da Apple têm algumas destas aplicações disponíveis, embora nem sempre seja óbvio o fim a que se destinam. Muitas vezes, os serviços apresentam-se como produtos para “garantir a produtividade” dos trabalhadores numa empresa ou a segurança de menores de idade (os relógios e portachaves com GPS para crianças são um exemplo).

Em Portugal, já várias pessoas contactaram a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) com receios de estarem a ser espiadas através do telemóvel ou de outros dispositivos electrónicos. “Temos alguns casos em que as vítimas suspeitam que isso esteja a ser feito, principalmente quando são abordadas pelos agressores ou agressoras relativamente a temas que se relacionam com pesquisas que estiveram a fazer nos seus navegadores online”, disse Ricardo Estrela, responsável pela operacionalização das Linhas Internet Segura e Alerta da APAV, em conversa com o PÚBLICO sobre o tema em Abril.



P3 VÍDEO
Se te sentes a afundar, isso não é amor
LER MAIS

O alerta tem sido repetido em estudos recentes de investigadores da Universidade de Deakin, na Austrália, e da universidades de Cornell e de Nova Iorque, nos EUA, que analisam uma indústria em crescimento de serviços, aplicações e produtos para monitorizar o que outras pessoas fazem online.

Em Portugal, a equipa da APAV lembra que além de crimes de espionagem os agressores também estão a cometer crimes informáticos. Além de contactar as autoridades – nomeadamente a unidade de Cibercrime da Polícia Judiciária – as vítimas devem tentar encontrar um segundo telemóvel limpo para que a conversa não seja interceptada.

Cortar o cabelo contra a violência doméstica bate recorde de donativos

Terça-feira, 8 Outubro 2019

CARLA BERNARDINO



A 10ª edição da *Hair Fashion Week*, iniciativa que **visou apoiar a formação e qualificação dos técnicos que prestam apoio às vítimas, promoção os direitos da vítima em Portugal e minimização das marcas que um crime de violência, obteve o seu maior volume de donativos desde 2014.**

Os **cabeleireiros Jean Louis David, em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) conseguiram reunir**, segundo nota enviada à comunicação social, **“16.040€”**. “Este valor representa **um aumento de 21% no valor doado comparativamente ao do ano passado**, em que foram angariados 13.240€”, lê-se no mesmo comunicado de imprensa.

“A participação nas *Hair Fashion Weeks* **tem vindo a aumentar a cada edição que realizamos e não é apenas devido aos descontos que a campanha oferece**. As causas sociais que apoiamos são transversais à sociedade e é comum que os clientes se sintam de alguma forma relacionados com elas e queiram dar a sua contribuição”, afirma Rodrigo Ortega. O diretor de Marketing da Jean Louis David Portugal revela que, **em cinco anos, já foram Doados “106.500€ para apoiar esta causa”**.

Famosos gritam contra a violência doméstica

'Buziãõ' decorreu em 18 distritos de Portugal.



31 OUT 2019 · 06:00

Centenas de pessoas, entre figuras públicas, vítimas e anónimos, juntaram-se num buziniãõ contra a violência doméstica, esta quarta-feira, em 18 distritos.

Em Lisboa, a açãõ da Altice, em articulaãõ com a APAV, fez parar a avenida Fontes Pereira de Melo, com um protesto ruidoso.

Sílvia Rizzo, Luís Represas, Rosa Mota ou Iva Domingues foram algumas das figuras presentes.

O presidente da Altice Portugal, Alexandre Fonseca, lembrou que "o silêncio é uma das causas do problema", enquanto João Ferreira, chefe de redaãõ do CM/CMTV, sublinhou que "é preciso discutir a violência doméstica, que não pode ser escondida".

Misericórdia de Lisboa celebra novo protocolo de colaboração com APAV

15 Outubro 2019

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) assinaram esta segunda-feira, 14 de outubro, um protocolo de colaboração para desenvolver atividades organizadas, com vista a informar, orientar e apoiar os cidadãos vítimas de crime e violência.

O protocolo assinado pelo administrador da Ação Social da Santa Casa, Sérgio Cintra, pelo presidente da APAV, João Lázaro, e pelo tesoureiro da APAV, Nuno da Silva, reforça a cooperação entre as duas instituições no cumprimento das respetivas missões, no âmbito da inovação social.

O projeto objeto de apoio, no âmbito deste protocolo, designa-se por Sistema Integrado de Apoio à Distância (SIAD).

Em funcionamento desde 2014 e de abrangência nacional, o SIAD integra, através de uma plataforma tecnológica de case management, o serviço de apoio telefónico da Linha de Apoio à Vítima da APAV (LAV | 166 006), o apoio disponibilizado através das redes sociais e videochamadas e ainda o Serviço de Vídeo Intérprete de Língua Gestual (SERVIIN), em estreita relação e encaminhamento para os demais 63 serviços de proximidade da APAV a nível nacional. A Linha de Apoio à Vítima é o serviço âncora deste sistema, onde o apoio prático e/ou emocional decorre em tempo real.

Sérgio Cintra defendeu, na sua intervenção, que este protocolo com a APAV "faz todo o sentido porque é complementar" à ação da Santa Casa. E continuou: "Esta parceria permite ir ao encontro de novas dinâmicas, ser mais próximo e alargar a esfera da intervenção da Misericórdia de Lisboa no plano nacional".

Por seu turno, João Lázaro, presidente da APAV, sublinhou a "imensa honra e responsabilidade por merecer confiança e a parceria da Santa Casa". Este protocolo vai permitir "chegar a outros públicos e ser cada mais próximo das vítimas de crimes e violência".

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e a Misericórdia de Lisboa visam, com o desenvolvimento do presente projeto, a manutenção e consolidação do modelo de intervenção Sistema Integrado de Apoio à Distância e, assim, contribuir para a desocultação do crime e da violência sobre grupos vulneráveis, em particular aqueles que se encontram em territórios marcados pela escassez de recursos e pelo isolamento social.

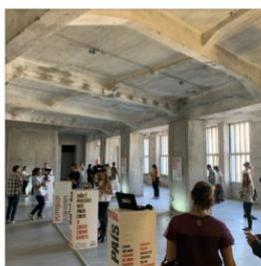
O SIAD possibilita o aumento do número de vítimas apoiadas, proporcionando uma maior facilidade num primeiro contacto destas com os serviços de apoio da APAV, designadamente a vítimas que residem em áreas rurais ou isoladas e/ou em zonas onde não existem serviços de apoio de proximidade

APAV lança campanha de sensibilização para o perigo do cibercrime

Com o mote “Não é preciso ver para crer”, a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) lançou uma campanha que pretende destacar a frequência dos crimes associados ao mundo digital, assim como a sua omnipresença no quotidiano da sociedade. A campanha contra o cibercrime foi idealizada pela CARMEN, a agência criativa portuguesa da YoungNetwork Group.

A iniciativa decorreu entre o dia 21 a 27 de setembro através da realização da Exposição de Armas do Séc. XXI, nas carpintarias de São Lázaro em Lisboa.

Ricardo Estrela, porta-voz da APAV, refere que: “Com esta Campanha pretendemos sensibilizar a sociedade em geral para a magnitude dos problemas em torno do cibercrime. Agora responsáveis pela Linha Internet Segura, queremos apoiar o maior número de vítimas possível e ajudar no combate aos crimes digitais”.





"Nós não devíamos desculpar sequer". Liliana de "Casados à Primeira Vista" sofreu violência doméstica

"Foram três anos de vezes demais" em que Liliana desculpou o parceiro com quem esteve antes do programa da SIC. A MAGG falou com um psicólogo da APAV sobre violência doméstica.



RAFAELA SIMÕES



“Gostei demais. Entreguei-me demais. Fiz demais. Por uma pessoa que simplesmente queria o conforto e o bem-estar pessoal. **A partir do momento em que tu não podes dar a tua opinião e não podes ter liberdade sequer para sair, conversar, falar, tu simplesmente vives num medo constante”**, revela Liliana Oliveira, concorrente da segunda edição do programa [“Casados à Primeira Vista”](#), da SIC.

Liliana já esteve casada, relação de onde nasceram dois filhos, mas que acabou por causa do seu vício com o trabalho. Depois da separação, teve um novo relacionamento que ficou marcado pela violência, tanto psicológica como física, tal como confirmou ao neuropsicólogo do programa, Alexandre Machado. “Sofreu violência psicológica?”, pergunta o especialista. “Todo o tipo de violência”, responde Liliana. “É alguém que nem sequer cá devia de andar”.

“A violência doméstica é um crime. Está enquadrado no código penal português”, esclarece à MAGG Daniel Coutinho, psicólogo e responsável pela área de violência de género e doméstica na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima ([APAV](#)).

A violência doméstica tem vários contornos. Pode ser física, mas também sexual ou psicológica — de que é exemplo também o caso da concorrente Liliana, de 37 anos, que naquele período da sua vida não tinha liberdade de expressão ou decisão.

“É algo que acontece na intimidade e é sempre uma forma de controlo e de poder de alguém que acredita alegadamente que é mais forte”, refere o psicólogo da APAV.

Como Liliana, há muitas mulheres e homens que sofrem diariamente de violência doméstica. **De acordo com o último relatório da APV, no ano passado registou-se uma média de 5.173 mulheres e 854 homens vítimas de violência doméstica. Tudo isto em apenas 365 dias.**

Estes são apenas os números conhecidos dos casos que foram reportados à APAV. Mas há muitos mais cujas histórias nunca chegam a sair do cenário onde acontecem os episódios de violência doméstica.

“Tens que mostrar um sorriso ao mundo. Porque o que vai dentro da tua casa ninguém tem que saber”, diz Liliana no programa, que é exemplo desses números desconhecidos.

O que é que acontece quando um vítima procura ajuda na APAV

“Tenta-se reconstituir do ponto de vista factual o que é que aconteceu. Avaliar o grau de risco é fundamental, para tentar perceber que tipo de violência é que representa e sobretudo em que é que ela pode culminar. Ao mesmo tempo, com base nestes detalhes, é construído o plano de segurança pessoal, que vai sendo avaliado e reavaliado pelos profissionais dentro da organização. Além disso, encaminhamos para outras organizações e entidades público-privadas, como o tribunal ou a saúde, para poderem apoiar nas diversas vertentes”, explica Daniel Coutinho.

O especialista acrescenta ainda que numa situação de grande risco, as vítimas devem contactar as autoridades policiais, através, por exemplo, do número de telefone de emergência 112.

“Aquilo que acontece muitas vezes é que as vítimas desculpabilizam o ato de violência do agressor, dando mais uma oportunidade e até, na grande maioria das vezes, culpabilizando-se sobre o que está a acontecer, pensando que se calhar erraram”, diz à MAGG o psicólogo.

“Nós não devíamos desculpar sequer. Desculpei três anos. Foram três anos de vezes demais”, confessa Liliana no diário desta segunda-feira, 14 de outubro, do programa “Casados à Primeira Vista”.

O problema, como explica Daniel Coutinho, é que a violência é uma espécie de ciclo: “Há momentos de grande tensão e depois a chamada lua de mel, em que o agressor pediu desculpas e durante algum tempo as coisas voltam ao normal”. O problema é que nunca voltam ao normal, nem é uma vida normal.

Só que não é só o medo de reportar o caso de violência que trava as mulheres de colocarem fim aos abusos. Quando há filhos envolvidos, muitas acabam por aguentar a violência doméstica.

“Tens dois filhos que não se podem aperceber de nada. E nos dias em que eles estão em casa contigo, a relação é fantástica, maravilhosa, um mar de rosas, mas que na realidade quando deitas-te na cama o mundo cai”, conta a concorrente Liliana Oliveira.

Mas por muito que se queira proteger os filhos, muitas vezes é inevitável porque dentro da mesma casa também eles estão expostos à violência de várias formas: “No dia a seguir a algo mau ter acontecido, a disponibilidade do pai e da mãe não é a mesma. Estão mais tristes, não querem conversar ou apresentam marcas”, refere o especialista.

Apesar de não haver forma de evitar que os episódios de violência doméstica se iniciem, há formas de travar a progressão. Como? Estando atento aos primeiros sinais: **“Quando o outro não respeita o nosso não, isto já é uma forma de violência”**, exemplifica Daniel Coutinho.

Mas há mais alertas: a partir do momento em que as pessoas se sentem controladas, em que sentem que os seus desejos não são respeitados ou em que a outra pessoa passa a querer controlar os seus movimentos. Estas são alguns dos atos dos agressores que precedem a violência física e sexual.

Liliana está a tentar restabelecer a vida ao lado de Pedro Pé Curto, com quem casou no programa “Casados à Primeira Vista”, mostrando que é possível dar a volta aos casos de violência doméstica.

Para ultrapassar um relacionamento violento, é importante que as vítimas procurem acompanhamento. Contudo, “sabemos que a saúde mental em Portugal não é um prato forte, nem é uma das áreas mais apoiadas na saúde”.

Ainda assim, o psicólogo da APAV salienta que **“é fundamental que as pessoas procurem ajuda psicológica para que possam reconstruir-se”** e estabelecer novos vínculos afetivos e amorosos.